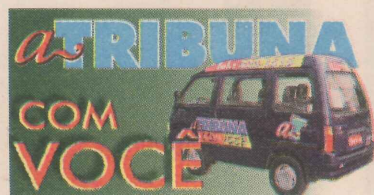


Cachoeiro tem no calor seu maior desafio

Os moradores da cidade já fazem pilhéria da situação e dizem que vestem roupa de frio quando faz 28 graus

Primeiro, existiam os morros cobertos por florestas da Mata Atlântica. Então, chegou o homem para abrir trilhas e retirar a madeira da região, queimando o solo e eliminando a cobertura vegetal.



Desprotegido, o rio acumulou terra vinda dos morros sem árvores, deixando de refrescar a cidade.

A vida cresceu até ficar urbana. Vieram os prédios e o asfalto, formando uma cidade cercada por morros e pedras de granito. Se perguntar para o cachoeirense qual o maior resultado deste conjunto de fatores, não há dúvida: o calor.

“O centro é abafado por falta de circulação de ar. Estamos num buraco por causa do relevo acidentado”, reclamou o comerciante Carlos Alexandre Rodrigues Peçanha.

“Quarenta graus na sombra é mole para o cachoeirense. Nós sofremos muito com o calor. Quando a temperatura marca 28 graus, o morador veste blusa de frio e puxa cobertor”, brincou o aposentado Ivan Barros.

PRAIA

Verão chegando é hora de arrumar as malas rumo à casa de praia em Marataízes, município situado a 42 quilômetros de Cachoeiro. Aliás, a cidade muda de endereço porque muitos moradores se deslocam, ou melhor, fogem para lá.

“Eu saio em dezembro e só volto na Semana Santa”, con-

tou o aposentado Dilson Sarmiento.

Quando está em sua casa em Cachoeiro, Dilson costuma deixar o ar condicionado do quarto ligado o dia inteiro. “Eu nem saio de casa, só quando é preciso”, explicou.

Depois, o problema é pagar a conta de luz do final do mês que de R\$ 80,00 sobe para R\$ 400,00 por causa dos gastos com a energia elétrica.

Mas a estação mais quente do ano se transforma num pesadelo para quem não pode sair da cidade para passar o verão nas praias ou na região de montanha.

“Se você for procurar um lugar para se refrescar como a praia ou as montanhas, não poderá trabalhar”, contou o digitador Edvaldo da Silva Fernandes.

A alta temperatura do centro de Cachoeiro já teve destaque na imprensa nacional. Para acabar com o calor, o prefeito Theodorico de Assis Ferraço criou uma máquina de projeção de água para refrescar o centro.

O monumento, construído na Praça Jerônimo Monteiro, é parte do folclore da região. Se funciona? O cachoeirense olha, brinca e responde: o calor continua.



Para se proteger do calor, o cachoeirense abre o guarda-sol

Trânsito é ruim no centro

Situado entre morros e rio, com ruas estreitas e um grande volume de carros, o centro de Cachoeiro tem no trânsito um dos principais problemas.

“A topografia é ruim e existe um carro para cada três habitantes”, caracterizou o comerciante Alexandre Campos Moreira, que mora a dois quilômetros do centro e normalmente gasta cinco minutos de carro para chegar ao trabalho em dias de livre circulação do tráfego.

“Com o trânsito ruim, chego agastar 15 minutos”, comentou.

Algumas pessoas poderiam ir à pé para o trabalho, mas dependendo do ramo de atividade dependem do carro para se locomover dentro da cidade.

“Caso não haja investimento em obras viárias, a tendência é o estrangulamento do trânsito”, alertou o oficial de justiça Ricardo Coelho de Lima.

De acordo com o secretário municipal de Segurança e Trânsito, o coronel Paulo Henrique Martins Lemos, existe um projeto de continuação da linha vermelha, que tem por meta desafogar o trânsito na avenida Jones dos Santos Neves com saída do centro.

Segundo ele, deste projeto nasceu uma proposta de continuação do trabalho com vistas à melhoria da circulação viária no centro.

Este novo projeto visa transformar a malha férrea da antiga linha para Vitória, começando na Praça Francisco Abraão, cruzando a ponte de ferro e atingindo o bairro Corte Grande, “diminuindo em 35% o fluxo de veículos no centro”.

Carros não têm onde estacionar

O estacionamento no centro do município de Cachoeiro de Itapemirim é um dos principais transtornos da sua população.

Para os órgãos públicos, a instalação do estacionamento rotativo amenizou o problema, cuja solução também depende de uma maior consciência do cidadão.

“As principais vias não têm espaço para o carro parar. Se diminuir a calçada, quem terá problema é o pedestre”, comentou o desportista Walter José Vargas, presidente do Grêmio Santo Agostinho.

O instrutor de informática Mário César Moreira reclamou do preço cobrado no estacionamento rotativo mantido pela prefeitura – R\$ 1,00 por hora. “Poderia até ser cobrado este valor, mas estendendo o tempo de uso”, ponderou.

“Este valor está sendo cobrado há três anos. Não pode ser menor tendo em vista os custos operacionais e os salários dos funcionários que atuam junto aos usuários”, rebateu o secretário de Segurança e Trânsito do município, coronel Paulo Henrique Martins Lemos.

São oferecidas 500 vagas de estacionamento nas principais ruas do centro, conforme dados divulgados pela secretaria.

Segundo ele, existe a dificuldade de introduzir novos estacionamentos em outras ruas porque a medida gera reclamações.

“Mas tem o problema do morador que não aprendeu a andar a pé e prefere usar o carro para se deslocar por 100 a 200 metros”, avaliou.

De acordo com a arquiteta Valéria Venturini de Rezende Mendes Glória, da Secretaria Municipal de Planejamento, a instalação de edifício garagem não atende ao Plano Diretor Urbano (PDU), cujo gabarito prevê construções com no máximo quatro pavimentos no centro.